



CÓD:SL-103JL-22
7908433224846

PM-PR

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ

Cadete PM e Cadete BM

EDITAL Nº 01-CADETE PMPR-2023

Literatura brasileira

1. O Uruguai, Basílio da Gama	13
2. Últimos Cantos, Gonçalves Dias	29
3. Casa de Pensão, Aluísio de Azevedo	40
4. Clara dos Anjos, Lima Barreto	41
5. Sagarana, Guimarães Rosa	44
6. Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo Neto	46
7. Nove Noites, Bernardo Carvalho	48
8. Relato de um certo oriente, Miltom Hatoum	51

Língua portuguesa

1. Identificação das características do texto relacionadas a: gênero (artigo, carta, crônica etc.); tipo (narrativo, argumentativo, descritivo etc.); registro (formal, informal); variedade (padrão, não padrão); modalidade (oral, escrita); Apreensão dos efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos verbais e não verbais em textos de diferentes gêneros: tiras, quadrinhos, charges, gráficos, infográficos etc.; Identificação das ideias expressas no texto, bem como de sua hierarquia (principal ou secundária) e das relações entre elas (oposição, restrição, causa/consequência, exemplificação etc.); Análise da organização argumentativa do texto: identificação do ponto de vista (tese) do autor, reconhecimento e avaliação dos argumentos usados para fundamentá-lo; Dedução de ideias e pontos de vista implícitos no texto; Reconhecimento das diferentes “vozes” dentro de um texto, bem como dos recursos linguísticos empregados para demarcá-las; Reconhecimento da posição do autor frente às informações apresentadas no texto (fato ou opinião; sério ou ridículo; concordância ou discordância etc.), bem como dos recursos linguísticos indicadores dessas avaliações; Avaliação de operações realizadas sobre textos, tais como paráfrase, síntese, continuidade etc.; Comparação entre textos, considerando o gênero, a abordagem dos temas, a organização textual e uso de recursos linguísticos	55
2. Identificação do significado de palavras, expressões ou estruturas frasais em determinados contextos	70
3. Identificação dos recursos coesivos do texto (expressões, formas pronominais, relatores) e das relações de sentido que estabelecem	71
4. Domínio da variedade padrão escrita: normas de concordância	72
5. regência	72
6. ortografia	73
7. pontuação. Aplicação de princípios ou regras a dados linguísticos	74
8. Reconhecimento de relações estruturais e semânticas entre frases ou expressões.	75
9. Identificação, em textos de diferentes gêneros, das marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais ou de registro	82

Compreensão e produção de textos

1. Fidelidade ao que propõe a questão, o que requer também domínio de leitura de texto(s) que serve(m) de base	89
2. Organização global e coerência do texto;	
3. Uso adequado de recursos coesivos	90
4. Domínio da língua culta contemporânea: normas de concordância, regência e colocação, além de uso de vocabulário adequado	91
5. Domínio de estruturas sintáticas próprias da escrita, bem como dos sinais de pontuação, tendo em vista um máximo de clareza e precisão	91
6. Legibilidade do texto e respeito às normas ortográficas em vigor.	91

Língua estrangeira moderna - inglês

1. Identificam ideias principais e ideias específicas do texto; • Estabelecem relações entre diferentes partes do texto; • Estabelecem relações entre texto e contexto; • Identificam diferentes pontos de vista apresentados no texto. Os textos utilizados poderão ser jornalísticos, publicitários, de divulgação científica ou literários. O conhecimento gramatical será avaliado em nível funcional, ou seja, como elemento necessário para a compreensão dos textos	93
--	----

Língua estrangeira moderna - espanhol

1. Identifica ideias principais e ideias específicas do texto; • Estabelece relações entre diferentes partes do texto; • Estabelece relações entre texto e contexto; • Identifica diferentes pontos de vista apresentados no texto.	123
---	-----

Matemática

1. A noção de função como instrumento para trabalhar com a variação de grandezas. Caracterizações e representações gráficas das funções módulo, polinomiais, raiz quadrada, exponenciais, logarítmicas e trigonométricas. Aplicações. Domínio e Imagem de uma função. Funções injetora, sobrejetora, bijetora, composta e inversa. Determinação algébrica da inversa de uma função bijetora. Interpretação de gráficos de funções. Valores destacados no gráfico (máximos, mínimos e zeros). Periodicidade. Intervalos de crescimento e decréscimo. Translações e mudanças de escala. Aplicações em situações-problema de contexto variado, incluindo estimativas e previsão de valores 167
2. Progressões aritméticas e geométricas. A ideia intuitiva de limite em problemas envolvendo sequências e funções 171
3. Características, elementos e propriedades geométricas de figuras planas e espaciais: polígonos, círculos, prismas, pirâmides, esferas, cilindros, cones e troncos. Poliedros e fórmula de Euler. Seções planas de sólidos geométricos. Planificações. Razões entre comprimentos, áreas e volumes de figuras semelhantes. Teorema de Tales e aplicações. Semelhança e congruência de triângulos. Trigonometria no triângulo retângulo. Aplicações. Perímetro, área, ângulos, arcos e medidas do círculo e de suas partes. Relações métricas em triângulos. Teorema de Pitágoras, lei dos senos, lei dos cossenos. Aplicações. Cálculo de perímetros e áreas de polígonos. Cálculo de área e volume de prismas, pirâmides, cilindros, cones, troncos e esferas 173
4. Conjuntos, igualdade entre conjuntos, conjuntos universo e vazio, complementar de um conjunto, subconjuntos e relação de inclusão, operações entre conjuntos, cardinalidade 180
5. Números naturais, números primos e divisibilidade. Números inteiros. Números racionais e irracionais e sua representação decimal. Aproximações de irracionais por meio de racionais. Propriedades dos números reais e das operações fundamentais com números reais 184
6. Representações algébrica e geométrica dos números complexos. Operações com números complexos. Potências de números complexos. Conjugado e módulo de um número complexo. Forma trigonométrica 190
7. Equações e inequações polinomiais e modulares. Significados algébrico e geométrico das raízes de polinômios e implicações na fatoração, incluindo o completamento de quadrados. Operações com polinômios, com ênfase à divisão de polinômios 191
8. Relações, identidades e transformações trigonométricas. Equações e inequações trigonométricas. Propriedades das exponenciais e logaritmos. Equações e inequações exponenciais e logarítmicas. 195
9. Sistemas lineares e matrizes. Discussão e resolução de sistemas lineares (até 4 equações e 4 incógnitas) por escalonamento e substituição de variáveis. Operações com matrizes, matriz inversa e determinantes 198
10. Coordenadas cartesianas de pontos no plano. Distância entre pontos. Equações da reta e posições relativas entre duas retas. Distância de ponto a reta e entre duas retas. Aplicações. Equações da circunferência. Posições relativas entre reta e circunferência e entre circunferências. Aplicações 206
11. Matemática Financeira: porcentagem, desconto, juros simples e compostos 211
12. Problemas de contagem: o princípio fundamental de contagem, o princípio aditivo, permutação, arranjo e combinação. Princípio da casa dos pombos. Resolução de problemas envolvendo a contagem de diferentes tipos de agrupamento. Binômio de Newton 212
13. População e amostra. Estatística descritiva. Tratamento da informação obtida com a organização e interpretação de dados em tabelas e gráficos. Medidas de tendência central (média, mediana e moda) e de dispersão (desvio-médio, desvio-padrão e variância) 213
14. Probabilidade de um evento. Amostras. Representação através de frequências relativas. Probabilidade condicional e eventos independentes. Aplicação de probabilidade em situações-problema 215

Biologia

1. Biologia celular Espera-se que a candidata e o candidato reconheçam a inter-relação das funções celulares, relacionando-as às estruturas celulares e identifiquem a importância funcional das substâncias químicas para a manutenção da homeostase celular. TÓPICOS: Estrutura e função dos componentes das células 225
2. Organização molecular e Bioquímica da célula 226
3. Fisiologia celular. Ciclo de vida celular 231
4. Seres vivos Espera-se que a candidata e o candidato tenham uma visão geral das principais características e da organização dos reinos da natureza, identificando as diversas funções vitais que viabilizam sua existência. TÓPICOS: Variedade dos seres vivos – sistemas de classificação e níveis de organização. Caracterização dos principais grupos de organismos 234
5. Tipos de reprodução. 236
6. Desenvolvimento embrionário 238
7. Estrutura e função dos tecidos: características principais dos tecidos vegetais e animais. 238
8. Fisiologia animal e vegetal 240
9. Estudo das populações Espera-se que a candidata e o candidato identifiquem a estrutura e as funções do material genético, os principais mecanismos de herança genética e os mecanismos evolutivos. TÓPICOS: Conceitos fundamentais da hereditariedade . . . 250
10. Conceitos Básicos de genética molecular e citogenética. 251
11. Evolução: bases históricas, fatores evolutivos, genética de populações 253
12. Origem da vida 255
13. Ecologia Espera-se que a candidata e o candidato identifiquem o papel de cada ser vivo na manutenção do equilíbrio do ecossistema. Tópicos: Relações tróficas. 255

ÍNDICE

14. Ecossistema e seus componentes	255
15. Ciclos biogeoquímicos	256
16. Principais biomas	260
17. Desequilíbrio ecológico e suas causas	260
18. Fluxo de matéria e energia.	261
19. Saúde, higiene e saneamento básico Espera-se que a candidata o candidato tenham um conhecimento atualizado da saúde pública brasileira. TÓPICOS: Principais endemias, epidemias e pandemias e formas de combatê-las.	261
20. Doenças de carência	264
21. Higiene pessoal e social	264
22. Noções fundamentais de imunidade	264

Física

1. Grandezas físicas: Conceito. Medidas. Operações. Ordens de grandeza. Algarismos significativos. Sistemas correntes de unidades. Conversão entre unidades de diferentes sistemas. Sistema Internacional de Unidades. Notação Científica. Múltiplos e Submúltiplos. Inter-relações entre grandezas e leis físicas. Análise dimensional	269
2. Mecânica: Conceito de partícula. Cinemática escalar e vetorial. Movimento Retilíneo Uniforme e Uniformemente Acelerado. Gráficos de movimentos. Queda livre e movimento de projéteis. Movimento circular. Conceitos de massa, força e aceleração. Referenciais inerciais e não inerciais. Sistemas de Forças. Leis de Newton e aplicações. Trabalho. Energia cinética. Energia potencial. Potência. Momento linear (quantidade de movimento). Impulso. Conservação de momento linear. Colisões elásticas e inelásticas. Lei de Conservação da Energia. Gravitação. Lei da Gravitação Universal. Leis de Kepler. Movimento de planetas e satélites em órbitas circulares. Movimento oscilatório. Lei de Hooke. Movimento harmônico simples. Centro de massa. Estática dos sólidos. Momento de uma força. Momento resultante e condições de equilíbrio de um corpo rígido. Massa específica e densidade linear, superficial e volumétrica. Peso específico. Conceito de pressão. Pressão atmosférica. Lei de Stevin. Vasos comunicantes. Princípio de Pascal. Prensa hidráulica. Princípio de Arquimedes. Flutuação de corpos. Empuxo. Linhas de corrente. Vazão. Equação da continuidade	275
3. Termologia: Conceito de temperatura. Equilíbrio térmico. Escalas termométricas. Dilatação térmica de sólidos e líquidos. Transmissão do calor. Calor específico. Capacidade térmica. Calorimetria. Conceito de calor. Estados físicos da matéria. Mudança de estado físico. Transformação de energia mecânica em térmica. Gases. Conceito de gás ideal. Leis dos gases ideais. Transformações gasosas. Diagramas de processos gasosos. Diagrama de fases e de Clapeyron. Leis da termodinâmica. Máquinas térmicas, rendimento de máquinas térmicas. Ciclos Termodinâmicos. Ciclo de Carnot.	294
4. Ondulatória: Conceito de onda. Pulsos em cordas. Ondas transversais e longitudinais. Amplitude. Comprimento de onda. Período. Frequência. Velocidade de propagação. Ondas periódicas. Fenômenos ondulatórios. Princípio da superposição. Interferência. Reflexão. Refração. Ondas estacionárias. Acústica. Som. Tubos sonoros. Harmônicos. Propagação do som. Velocidade do Som. Fontes sonoras. Efeito Doppler	305
5. Eletromagnetismo: Carga elétrica. Constituição atômica. Carga elétrica elementar. Processos de eletrização. Condutores e isolantes. Campo elétrico. Linhas de campo. Lei de Coulomb. Potencial elétrico. Superfícies equipotenciais. Campo elétrico uniforme. Campo e potencial elétrico de condutor esférico. Diferença de potencial entre dois pontos de um campo elétrico. Movimento de cargas elétricas puntiformes por ação de campo elétrico. Corrente elétrica. Geradores. Receptores. Força eletromotriz. Resistência interna de geradores e receptores. Equação de gerador e de receptor. Potência em geradores e receptores. Rendimento. Resistores. Lei de Ohm. Energia e potência. Efeito Joule. Associação de resistores. Circuitos elementares. Lei dos nós. Lei das malhas. Capacitores. Energia armazenada por capacitores. Associação de capacitores. Campo magnético. Linhas de campo. Força magnética sobre cargas elétricas e fios condutores. Campos magnéticos gerados por correntes elétricas. Magnetização. Indução eletromagnética. Transformadores. Lei de Lenz e Lei de Faraday. Noções de corrente alternada	320
6. Óptica: Modelo ondulatório da luz. Velocidade de propagação da luz. Índice de refração. Óptica geométrica. Leis da reflexão. Espelhos planos e esféricos. Leis da refração. Reflexão total. Lentes delgadas. Formação de imagens. Equação dos focos conjugados aplicada a lentes delgadas e espelhos esféricos. Ampliação. Óptica física. Dispersão. Interferência. Difração. Polarização da luz	331
7. Física Moderna: Radiação do corpo negro. Efeito fotoelétrico. Dualidade onda-partícula	348

Química

1. Aspectos macroscópicos da química: evidências das reações químicas. Compostos químicos, suas misturas e a presença em materiais mais complexos. Alguns métodos de separação (filtração, decantação, destilação, cristalização, cromatografia em papel). Reação química e sua representação simbólica, equação química, reagentes e produtos. Leis ponderais de Lavoisier e Proust. Equação geral dos gases ideais.	357
2. Estrutura da matéria e teoria atômica: evolução dos modelos atômicos. Modelos atômicos de Rutherford e de Bohr. Partículas elementares: próton, nêutron e elétron. Número atômico, número de massa, elemento químico, isótopos, massa atômica e massa molecular. Configuração eletrônica dos elementos. Níveis de energia e transições eletrônicas (segundo o modelo atômico de Bohr). Principais transformações nucleares artificiais e naturais.	368

3. Classificação periódica e propriedades dos elementos e seus compostos: princípios de ordenação e Localização dos elementos. Períodos, grupos e subgrupos. Elementos representativos. Configuração eletrônica do átomo e posição na classificação periódica. Características de metais, semimetais e ametais. Propriedades periódicas e suas variações (raio atômico, raio iônico, energia de ionização, afinidade eletrônica e eletronegatividade)	379
4. Número de oxidação e carga formal. Cátions, ânions e radicais	383
5. Ligação química: ligação iônica. Ligação covalente. Ligação em metais. Estruturas e fórmulas de lewis para a ligação covalente em compostos orgânicos e inorgânicos. Eletronegatividade; caráter iônico, caráter covalente e polaridade das ligações químicas. Geometria molecular e polaridade de moléculas	385
6. Ácidos e bases: teorias ácido-base de arrhenius, bronsted-lowry e de lewis. Reações de neutralização. Caráter ácido e básico de compostos inorgânicos e orgânicos (acidez relativa de álcoois, ácidos carboxílicos, fenóis e basicidade de aminas). Nomenclatura iupac e vulgar de ácidos, bases, sais e óxidos mais comuns.	398
7. Estequiometria química: cálculos estequiométricos. Massa molar. Balanceamento de reações químicas: por tentativa e íon elétron. Fórmula mínima e fórmula molecular.	404
8. Unidades e grandezas em química: principais unidades e grandezas utilizadas na química. Quantidade de matéria (mol) e unidades de concentração. Sistema internacional (si) e conversão de unidades.	408
9. Soluções, propriedades coligativas e forças intermoleculares: solução, solvente, soluto, fase, solução saturada e insaturada. Forças intermoleculares. Coloides. Efeito das forças intermoleculares nas constantes físicas dos compostos orgânicos e inorgânicos (temperatura de fusão e de ebulição). O processo de dissolução e a solubilidade dos compostos orgânicos e inorgânicos. Curvas de solubilidade. Influência da cadeia carbônica na solubilidade dos compostos orgânicos e na temperatura de fusão e de ebulição dos compostos orgânicos. Efeito da concentração de soluto sobre a temperatura de fusão e ebulição, pressão de vapor e pressão osmótica dos solventes	413
10. Termoquímica: entalpia e lei de hess. Entropia. Energia livre de gibbs.	430
11. Equilíbrio químico: equilíbrio químico e constante de equilíbrio. Fatores que influenciam o deslocamento do equilíbrio de uma reação e princípio de le chatelier. Constante de autoionização da água, ph e poh. Equilíbrios ácido-base e de precipitação. Constantes de dissociação de ácidos e bases. Hidrólise. Produto de solubilidade. Soluções-tampão	438
12. Cinética química: velocidade de reação, lei de velocidade, ordem de reação e molecularidade. Fatores que alteram a velocidade das reações químicas (concentração das substâncias, pressão, temperatura, estado de agregação, catalisadores). Teoria das colisões. Teoria do estado de transição e energia de ativação. Relação entre lei de velocidade e mecanismo de reação (conceito de etapa lenta). Velocidade inicial e a determinação da ordem dos reagentes.	444
13. Eletroquímica: célula galvânica, célula eletrolítica, pilhas. Reações de oxidação e redução. Potencial padrão de redução e previsão da espontaneidade de reações. Cálculo da força eletromotriz padrão em células eletroquímicas	448
14. Estrutura dos compostos de carbono: cadeias de carbono: caracterização e representação da estrutura através de notação em bastão. Classificação de cadeias carbônicas. Reconhecimento, caracterização, estrutura eletrônica (estrutura de lewis), nomenclatura e representação espacial de estruturas saturadas e insaturadas, lineares, ramificadas e cíclicas (incluindo aromáticos). Hibridização do carbono, modelo dos orbitais e ligação covalente. Conceituação de grupamento funcional. Reconhecimento, representação (notação em bastão) e nomenclatura (iupac) de compostos orgânicos alifáticos e aromáticos e das seguintes funções: hidrocarbonetos, derivados halogenados, álcoois, éteres, aldeídos, cetonas, fenóis, ácidos carboxílicos e seus derivados (ésteres, sais de ácidos, anidridos, halogenetos de ácidos, amidas), aminas, nitrilas e compostos de função mista. Nomenclatura vulgar de compostos de uso corrente	455
15. Isomeria em compostos orgânicos: caracterização e representação de isômeros constitucionais e estereoisômeros. Diastereoisômeros (isômeros geométricos) e enantiômeros. Conceito de quiralidade. Relação entre quiralidade e plano de simetria e atividade óptica.	463
16. Ocorrência e obtenção de compostos orgânicos e suas propriedades principais: ocorrência natural e sintética, relação entre estrutura e propriedades físicas e químicas, reações de obtenção e de transformação das seguintes funções: hidrocarbonetos (saturados, saturados e aromáticos), derivados halogenados, álcoois, éteres, aldeídos, cetonas, fenóis, ácidos carboxílicos e seus derivados (ésteres, sais de ácidos, anidridos, halogenetos de ácidos, amidas) e aminas. Polímeros sintéticos e naturais. Proteínas. Carboidratos	467

Filosofia

1. Mito e Filosofia . Saber mítico	481
2. Saber filosófico	481
3. Relação Mito e Filosofia	482
4. Atualidade do mito	482
5. O que é Filosofia?	483
6. Teoria do conhecimento. Possibilidade do conhecimento	485
7. As formas de conhecimento	488
8. O problema da verdade	488
9. A questão do método.	490
10. Conhecimento e lógica.	491
11. Ética. Ética e moral	491
12. Pluralidade ética	492
13. Ética e violência.	493
14. Razão, desejo e vontade.	494
15. Liberdade: autonomia do sujeito e necessidade das normas.	495
16. Política. Relações entre comunidade e poder. Liberdade e igualdade política	500
17. Política e Ideologia	501

ÍNDICE

18. Esfera pública e privada	503
19. Cidadania formal e/ou participativa	506
20. Filosofia da ciência. Concepções de ciência	506
21. A questão do método científico.	507
22. Contribuições e limites da ciência	508
23. Ciência e ideologia	509
24. Ciência e ética	511
25. Estética. Natureza da arte	512
26. Filosofia e arte.	512
27. Categorias estéticas – feio, belo, sublime, trágico, cômico, grotesco, gosto etc	514
28. Estética e sociedade	515

Geografia

1. A Terra, um planeta em transformação, o homem e o meio ambiente. Aspectos naturais e sua interação com a sociedade. A Terra no espaço: características determinantes para a manutenção da vida: Conceitos básicos de astronomia	517
2. Geologia: Tempo Geológico. Estrutura da Terra. Tectônica de placas. Vulcanismo e abalos sísmicos. Minerais e rochas. Bens minerais, matéria-prima e fontes de energia no Brasil e no mundo. Riscos geológicos no Brasil e no mundo	522
3. Relevo: Formas de relevo, identificação, classificação, localização no Brasil e no mundo. Evolução do relevo: processos erosivos, identificação, classificação e localização no Brasil e no mundo. Áreas de risco de ocupação no Brasil. Tempo e clima: Características da atmosfera e implicações para a vida na superfície terrestre. Dinâmica atmosférica e tipos de tempo. Ritmo climático. Clima urbano. Elementos e fatores climáticos. Escala climática. Classificações climáticas e sua aplicação em nível local, regional e global. Variabilidade e mudanças climáticas	535
4. A água na superfície terrestre: O ciclo da água. A distribuição da água no planeta e características de seus diversos reservatórios. Recursos hídricos no Brasil e no mundo	538
5. O solo: Processos de formação. Características, classificação e localização. Uso e ocupação dos solos no Brasil e no mundo	546
6. A vegetação: Domínios e diversidade da vegetação. Classificação da vegetação brasileira. Importância da vegetação para a manutenção da vida. Alteração da vegetação natural pela ação antrópica	546
7. Gerenciamento dos recursos naturais: Recursos naturais e conflitos no Brasil e no mundo. Recursos naturais e planejamento no Brasil. Legislação ambiental brasileira. Unidades de Conservação no Brasil.	547
8. População e estruturação socioespacial; Teorias e conceitos básicos em demografia. Estrutura demográfica e distribuição da população e novos arranjos familiares. Características da população mundial e do Brasil. Movimentos, redes de migração e impactos econômicos, culturais e sociais dos deslocamentos populacionais. Políticas demográficas no Brasil e no mundo. População, meio ambiente e riscos ambientais. Transformação das relações de trabalho e economia informal. Diversidade étnica e cultural da população. Geografias das diferenças: questões de gênero, sexualidade e étnico-raciais. Espacialidades religiosas. Identidades territoriais. Direitos humanos, cidadania e espaço	547
9. Estrutura produtiva e a economia O espaço geográfico na formação econômica capitalista. Exploração e uso de recursos naturais. O meio ambiente como condicionante da estrutura produtiva e social. Estrutura e dinâmica agrárias. Industrialização, complexos industriais, concentração e desconcentração das atividades industriais no Brasil e no mundo. Meio técnico-científico-informacional. Espacialidade do setor terciário: comércio, sistema financeiro. Redes de transporte, energia e telecomunicações. Turismo, lazer e espaço. Produção dos espaços rurais e urbanos. Regionalização do espaço brasileiro. Processos de urbanização no Brasil e no mundo. Produção e estruturação do espaço urbano. Planejamento e gestão urbano/metropolitano. A rede urbana: hierarquia e funções. As relações rurais-urbanas no mundo contemporâneo. Espaço urbano e novas ruralidades. Problemáticas socioambientais no campo e na cidade. Evolução da estrutura fundiária, estrangeirização de terras, reforma agrária e movimentos sociais no campo. Agronegócio: dinâmica produtiva, econômica e regional. Agricultura familiar e camponesa: heterogeneidade produtiva, socioeconômica e regional. Povos e comunidades tradicionais e conflitos por terra e território no Brasil. Produção e comercialização de alimentos, segurança, soberania alimentar e agroecologia	550
10. Metropolização e globalização. Globalização: características, impactos negativos e positivos.	570
11. Formação, estrutura e organização política do Brasil e do mundo contemporâneo; Produção histórica e contemporânea do território no Brasil. Federalismo, federação e divisão territorial no Brasil. Formação e problemática contemporânea das fronteiras. Estado-Nação: origem, desenvolvimento, características e funções. Transformações geopolíticas do pós-guerra. Causas econômicas, políticas, sociais e ambientais da crise do socialismo. Conflitos geopolíticos emergentes: ambientais, sociais, religiosos e econômicos. Ordem mundial e territórios supranacionais: blocos econômicos e políticos, alianças militares e movimentos sociais internacionais. Regionalização e elementos do espaço mundial. A organização do novo sistema mundial em centro e periferia. Fluxos comerciais interestaduais. Sistemas de comunicação e a sua atuação regional e mundial	572
12. A representação do espaço terrestre; A Terra no espaço (forma, dimensões, os principais movimentos e suas consequências geográficas) A evolução das representações cartográficas e a introdução das novas tecnologias para o mapeamento, através do sensoriamento remoto (fotografias aéreas e imagens de satélite) e Dos Sistemas de Posicionamento Terrestre (GPS). As formas básicas de representação do espaço terrestre e das distribuições dos fenômenos geográficos (mapas, cartas, plantas e cartogramas). Escalas, reconhecimento e cálculo	580

ÍNDICE

13. Sistema de coordenadas geográficas e a orientação no espaço terrestre. Projeções cartográficas. Identificação dos principais elementos de uma representação cartográfica, leitura e interpretação de tabelas, gráficos, perfis, plantas, cartas, mapas e cartogramas. Fusos horários 587

História

1. Mundo antigo os gregos: colonização grega; evolução política e social de atenas e esparta; helenismo; cultura helenística. Os romanos: evolução política e social de roma; conquistas romanas no mediterrâneo; expansão territorial e escravidão; instituições romanas; o direito romano; o cristianismo. Artes e cultura no mundo clássico (filosofia, dramaturgia, arquitetura e escultura) 595
2. Instituições políticas, sociais, culturais e econômicas das sociedades africanas no mundo antigo 599
3. O mundo medieval a alta idade média: reinos germânicos; evolução política e religiosa. O feudalismo: relações políticas e produtivas. A sociedade medieval e seu universo mental e cultural. A baixa idade média: a europa, o império bizantino e o mundo islâmico; a igreja medieval; a cultura medieval; urbanização; a formação das monarquias ibéricas. Instituições políticas, sociais, culturais e econômicas das sociedades africanas durante a expansão islâmica 602
4. Teocracia papal, ordens religiosas e heresias no medievo 611
5. Mundo na época moderna a preponderância ibérica: reconquista cristã e rivalidades entre portugal e castela; as grandes navegações; resistências, adaptações e dinâmicas do contato das sociedades em África, Ásia e América; formas não europeias de formação política e social 612
6. Conhecimento, arte e magia: renascimento; humanismo; reforma e contrarreforma 613
7. O estado moderno e a sociedade do antigo regime: guerras senhoriais e de religião; colonização, escravidão e sociedade nas Américas espanhola, inglesa e francesa; os países baixos e as companhias de comércio; a África e o tráfico de escravos 617
8. A América portuguesa: sociedades indígenas; atividades produtivas; escravidão; administração; sociedade e cultura 618
9. O mundo ocidental na época contemporânea as revoluções: revolução inglesa; revolução francesa; revolução americana; revolução haitiana; rebeliões escravas e abolicionismo nas Américas e na África; crises do antigo regime na europa e do estado colonial nas Américas; a revolução russa e seus desdobramentos; descolonização e revoluções na África, nas Américas e na Ásia 624
10. Ordenação da vida material: o processo de industrialização capitalista; capitalismo e escravidão nas Américas e na África; a formação do trabalhador urbano e outras formas trabalho; movimentos de contestação à ordem burguesa e à ordem colonial; imperialismo, desenvolvimentismo e dependência; ascensão e crise do estado de bem-estar; a sociedade de consumo; a industrialização brasileira; movimentos sociais rurais e urbanos no Brasil republicano, o pós-abolição no Brasil 627
12. Ideologias e práticas políticas: liberalismo, socialismo, nacionalismo, racismos e totalitarismo; ilustração e liberalismo na europa; império e repúblicas nas Américas; socialismos reformista e revolucionário; do sentimento nacionalista aos extremismos (fascismo, nazismo, stalinismo); do modernismo ao multiculturalismo; ditaduras e experiências democráticas no Brasil republicano e na América Latina 640
13. Estado e guerra: a formação do estado-nação; guerras de independência e projetos dos estados e nações pós-coloniais; panafricanismo e terceiro-mundismo; primeira guerra mundial; segunda guerra mundial; guerra fria e o fim do estado soviético e seus desdobramentos; a hegemonia militar norte-americana 643
14. Os episódios pós-1968 no Brasil e no mundo: revolução e contestação cultural no mundo socialista e capitalista; a queda do muro de Berlim e o desenso das propostas revolucionárias; anarquismo, feminismo, comunismo e anticomunismo no Brasil republicano e no mundo 658
15. A globalização e as tendências socioeconômicas no mundo contemporâneo. A emergência das economias periféricas e a nova ordem social. Os dilemas da América Latina na contemporaneidade, novos blocos políticos e econômicos na europa, América, África e Ásia. Direitos humanos e emergência de novos movimentos políticos e sociais nas Américas, África e Ásia. O Brasil da redemocratização pós-ditadura militar e da atualidade. Artes e manifestações culturais na virada do século xx 665

Sociologia

1. A origem da Sociologia. A modernidade e o surgimento da sociologia 677
 2. Fundamentos do pensamento sociológico: Durkheim, Weber e Marx 678
 3. Objeto e o método da Sociologia 679
 4. A relação sociedade e natureza. Progresso técnico e meio ambiente 680
 5. Trabalho e Sociedade 682
 6. A divisão sexual e social do trabalho 686
 7. As transformações recentes do trabalho 689
 8. Estrutura e estratificação social. As classes sociais e a estratificação. Desigualdade social. Desigualdade social no Brasil 690
 9. Indivíduo, identidade, socialização e orientação sexual. Socialização e identidade 694
 10. Individuação, gênero e sexualidade 697
 11. Homofobia, transfobia, bullying 698
 12. O Estado moderno e a nova ordem mundial: dominação e poder. Surgimento e desenvolvimento do Estado Moderno 700
 13. O Estado nacional contemporâneo 706
-

ÍNDICE

14. Mudança e transformação. A mudança social e a mudança cultural	706
15. Inovação tecnológica e participação política	708
16. Ciências, tecnologia, conhecimento e desenvolvimento.....	708
17. Movimentos sociais. Novas formas de participação social. Movimentos sociais no Brasil e cidadania	709
18. Cultura e Sociedade. Cultura e organização social.....	711
19. As dimensões da cultura	711
20. A diversidade cultural no Brasil	713
21. A indústria cultural. Meios de comunicação e indústria cultural.....	713
22. Mídia, cultura e política no Brasil	714
23. As novas mídias.....	718

E vai ver de mais perto no ar vazio
O espaço azul, onde não chega o raio.
Já dos olhos o véu tinha rasgado
A enganada Madri, e ao Novo Mundo 4[4]
Da vontade do Rei núncio severo

1[1] E Vós: O Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado foi Governador, e Capitão General da Capitania do Grão Pará, e Maranhão: e fez ao Norte do Brasil o que o Conde de Bobadela fez da parte do Sul: encontrou nos Jesuítas a mesma resistência, e venceu-a da mesma sorte.

2[2] Rotas cadeias: Os Índios lhe devem inteiramente a sua liberdade. Os Jesuítas nunca declamaram contra o cativo destes miseráveis racionais, senão porque pretendiam ser só eles os seus Senhores. Ultimamente foram, nos nossos dias, nobilitados, e admitidos aos cargos da República. Este procedimento honra a humanidade.

3[3] Irmão de Heróis: Em uma só Família achou o Rei três Irmãos dignos de repartirem entre si todo o peso do Governo. Com quanto maior glória nossa podem os estranhos dizer da Corte de Lisboa, o que já se disse de Roma, ao vê-la nas mãos dos três famosos Horácios, Corneille, Horace:

Et son illustre ardeur d'oser plus que les autres
D'une seule maison brave toutes les notres.

Ce choix pouvoit combler trois familles de gloire.

4[4] A enganada Madrid: Os Jesuítas por si, e pelos seus fautores tinham feito na Corte de Madri o último esforço para impedir a execução do Tratado de Limites

Aportava Catâneo: e ao grande Andrade 5[5]

Avisa que tem prontos os socorros
E que em breve saía ao campo armado.
Não podia marchar por um deserto
O nosso General, sem que chegassem
As conduções, que há muito tempo espera.
Já por dilatadíssimos caminhos
Tinha mandado de remotas partes
Conduzir os petrechos para a guerra.
Mas entretanto cuidadoso e triste
Muitas cousas a um tempo revolvía
No inquieto agitado pensamento.
Quando pelos seus guardas conduzido
Um índio, com insígnias de correio,
Com cerimônia estranha lhe apresenta
Humilde as cartas, que primeiro toca
Levemente na boca e na cabeça.
Conhece a fiel mão e já descansa
O ilustre General, que viu, rasgando,
Que na cera encarnada impressa vinha
A águia real do generoso Almeida. 6[6]
Diz-lhe que está vizinho e traz consigo,
Prontos para o caminho e para a guerra,
Os fogosos cavalos e os robustos
E tardos bois que hão de sofrer o jugo
No pesado exercício das carretas.
Não tem mais que esperar, e sem demora
Responde ao castelhano que partia,
E lhe determinou lugar e tempo 7[7]
Para unir os socorros ao seu campo.
Juntos enfim, e um corpo do outro à vista,
Fez desfilar as tropas pelo plano,
Por que visse o espanhol em campo largo

A nobre gente e as armas que trazia.
Vão passando as esquadras: ele entanto
Tudo nota de parte e tudo observa
Encostado ao bastão. Ligeira e leve
Passou primeiro a guarda, que na guerra
É primeira a marchar, e que a seu cargo
Tem descobrir e segurar o campo.
Depois desta se segue a que descreve
E dá ao campo a ordem e a figura,
E transporta e edifica em um momento
O leve teto e as movediças casas,
E a praça e as ruas da cidade errante.
Atrás dos forçosíssimos cavalos
Quentes sonoros eixos vão gemendo
Co' peso da funesta artilheria.
Vinha logo de guardas rodeado
- Fontes de crimes - militar tesouro,

5[5] Andrade: O Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Gomes Freire de Andrade.

6[6] Almeida: O Coronel José Inácio de Almeida.

7[7] Lugar, e tempo: O dia 16 de Janeiro de 1756 em Santo Antônio o Velho.

Por quem deixa no rego o curvo arado
O lavrador, que não conhece a glória;
E vendendo a vil preço o sangue e a vida
Move, e nem sabe por que move, a guerra.
Intrépidos e imóveis nas fileiras,
Com grandes passos, firme a testa e os olhos
Vão marchando os mitrados granadeiros,
Sobre ligeiras rodas conduzindo
Novas espécies de fundidos bronzes 8[8]
Que amiúdam, de prontas mãos servidos,
E multiplicam pelo campo a morte.
Que é este, Catâneo perguntava,
Das brancas plumas e de azul e branco
Vestido, e de galões coberto e cheio,
Que traz a rica cruz no largo peito?
Geraldo, que os conhece, lhe responde:
É o ilustre Meneses, mais que todos 9[9]
Forte de braço e forte de conselho.
Toda essa guerreira infantaria,
A flor da mocidade e da nobreza
Como ele azul e branco e ouro vestem.
Quem é, continuava o castelhano,
Aquele velho vigoroso e forte,
Que de branco e amarelo e de ouro ornado
Vem os seus artilheiros conduzindo?
Vês o grande alpoim. Este o primeiro 10[10]
Ensinou entre nós por que caminho
Se eleva aos céus a curva e grave bomba
Prenhe de fogo; e com que força do alto
Abate os tetos da cidade e lança
Do roto seio envolta em fumo a morte.
Seguiam juntos o paterno exemplo
Dignos do grande pai ambos os filhos.
Justos céus! E é forçoso, ilustre Vasco, 11[11]
Que te preparem as soberbas ondas,
Longe de mim, a morte e a sepultura?
Ninfas do amor, que vistes, se é que vistes,
O rosto esmorecido e os frios braços,
Sobre os olhos soltai as verdes tranças.
Triste objeto de mágoa e de saudade,

do texto: a hipótese dos zoólogos sobre a origem dos cães, a associação entre eles e os seres humanos, a disseminação dos cães pelo mundo, as vantagens da convivência entre cães e homens.

As informações que se relacionam com o tema chamamos de subtemas (ou ideias secundárias). Essas informações se integram, ou seja, todas elas caminham no sentido de estabelecer uma unidade de sentido. Portanto, pense: sobre o que exatamente esse texto fala? Qual seu assunto, qual seu tema? Certamente você chegou à conclusão de que o texto fala sobre a relação entre homens e cães. Se foi isso que você pensou, parabéns! Isso significa que você foi capaz de identificar o tema do texto!

Fonte: <https://portuguesrapido.com/tema-ideia-central-e-ideias-secundarias/>

IDENTIFICAÇÃO DE EFEITOS DE IRONIA OU HUMOR EM TEXTOS VARIADOS

Ironia

Ironia é o recurso pelo qual o emissor diz o contrário do que está pensando ou sentindo (ou por pudor em relação a si próprio ou com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem).

A ironia consiste na utilização de determinada palavra ou expressão que, em um outro contexto diferente do usual, ganha um novo sentido, gerando um efeito de humor.

Exemplo:



Na construção de um texto, ela pode aparecer em três modos: ironia verbal, ironia de situação e ironia dramática (ou satírica).

Ironia verbal

Ocorre quando se diz algo pretendendo expressar outro significado, normalmente oposto ao sentido literal. A expressão e a intenção são diferentes.

Exemplo: Você foi tão bem na prova! Tirou um zero incrível!

Ironia de situação

A intenção e resultado da ação não estão alinhados, ou seja, o resultado é contrário ao que se espera ou que se planeja.

Exemplo: Quando num texto literário uma personagem planeja uma ação, mas os resultados não saem como o esperado. No livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis, a personagem título tem obsessão por ficar conhecida. Ao longo da vida, tenta de muitas maneiras alcançar a notoriedade sem sucesso. Após a morte, a personagem se torna conhecida. A ironia é que planejou ficar famoso antes de morrer e se tornou famoso após a morte.

Ironia dramática (ou satírica)

A ironia dramática é um efeito de sentido que ocorre nos textos literários quando o leitor, a audiência, tem mais informações do que tem um personagem sobre os eventos da narrativa e sobre intenções de outros personagens. É um recurso usado para aprofundar os significados ocultos em diálogos e ações e que, quando captado pelo leitor, gera um clima de suspense, tragédia ou mesmo comédia, visto que um personagem é posto em situações que geram conflitos e mal-entendidos porque ele mesmo não tem ciência do todo da narrativa.

Exemplo: Em livros com narrador onisciente, que sabe tudo o que se passa na história com todas as personagens, é mais fácil aparecer esse tipo de ironia. A peça como Romeu e Julieta, por exemplo, se inicia com a fala que relata que os protagonistas da história irão morrer em decorrência do seu amor. As personagens agem ao longo da peça esperando conseguir atingir seus objetivos, mas a plateia já sabe que eles não serão bem-sucedidos.

Humor

Nesse caso, é muito comum a utilização de situações que pareçam cômicas ou surpreendentes para provocar o efeito de humor.

Situações cômicas ou potencialmente humorísticas compartilham da característica do efeito surpresa. O humor reside em ocorrer algo fora do esperado numa situação.

Há diversas situações em que o humor pode aparecer. Há as tirinhas e charges, que aliam texto e imagem para criar efeito cômico; há anedotas ou pequenos contos; e há as crônicas, frequentemente acessadas como forma de gerar o riso.

Os textos com finalidade humorística podem ser divididos em quatro categorias: anedotas, cartuns, tiras e charges.

Exemplo:



Em Inglês utilizamos adjetivos para comparar duas coisas ou mais. Eles podem ser classificados em dois graus: comparativo e superlativo.

O grau comparativo é usado para comparar duas coisas. Já o superlativo, usamos para dizer que uma coisa se destaca num grupo de três ou mais.

COMPARATIVO DE INFERIORIDADE

- This test is **less difficult than** that one.
- 2. Is my country **less hot than** yours?

COMPARATIVO DE IGUALDADE

1. You can be **as competent as** me.
2. Joe 's life was **as short as** his father 's.
3. I 'm not **so/as smart as** you are.

Exemplos:

- As cold as** = tão frio quanto
- Not so (as) cold as** = não tão frio quanto
- Less cold than** = menos frio que
- The least cold** = o menos frio
- As expensive as** = tão caro quanto
- Not so (as) expensive as** = não tão caro quanto
- Less expensive than** = menos caro que
- The least expensive** = o menos caro

C O M P A R A T I V O	S U P E R	ADJETIVO LONGO
		1. He is more intelligent than us.
		2. She is more boring than you.
	D I F F E R E N C E	ADJETIVO CURTO
		1. Mary is prettier than Suzy.
		2. Carlos is thinner than Paul.
		3. My mom is older than yours.

Observações:

1. Usamos os sufixos **-er** ou **-est** com adjetivos / advérbios de uma só sílaba.

Exemplos:

taller **than** = mais alto que / **the tallest** = o mais alto
bigger **than** = maior que / **the biggest** = o maior

2. Usamos os sufixos **-er** ou **-est** com adjetivos de duas sílabas.

Exemplos:

happier **than** = mais feliz que
cleverer **than** = mais esperto que
the happiest = o mais feliz
the cleverest = o mais esperto

3. Usamos os prefixos **more** e **most** com adjetivos de mais de duas sílabas.

Exemplos:

More comfortable than = mais confortável que
More careful than = mais cuidadoso que
The most comfortable = o mais confortável
The most careful = o mais cuidadoso

4. Usamos os prefixos **more** e **most** com advérbios de duas sílabas.

Exemplos:

More afraid than = mais amedrontado que
More asleep than = mais adormecido que
The most afraid = o mais amedrontado
The most asleep = o mais adormecido

5. Usamos os prefixos **more** e **most** com qualquer adjetivo terminado em **-ed, -ing, -ful, -re, -ous**.

Exemplos:

tired – **more tired than** – **the most tired** (cansado)
charming – **more charming than** – **the most charming** (charmoso)
hopeful – **more hopeful than** – **the most hopeful** (esperançoso)
sincere – **more sincere than** – **the most sincere** (sincero)
famous – **more famous than** – **the most famous** (famoso)

Variações ortográficas

– Adjetivos monossilábicos terminados em **uma** só consoante, precedida de **uma** só vogal dobram a consoante final antes de receberem **-er** ou **-est**.

Exemplos:

fat – **fatter than** – **the fattest** (gordo)
thin – **thinner than** – **the thinnest** (magro)

– Adjetivos terminados em Y, precedido de vogal, trocam o Y por I antes do acréscimo de **-er** ou **-est**:

Exemplos:

angry – **angrier than** – **the angriest** (zangado)
happy – **happier than** – **the happiest** (feliz)

Exceção

shy - **shyer than** - **the shyest** (tímido)

– Adjetivos terminados em E recebem apenas **-r** ou **-st**.

Exemplos:

nice – **nicer than** – **the nicest** (bonito, simpático)
brave – **braver than** – **the bravest** (corajoso)

Formas irregulares

Alguns adjetivos e advérbios têm formas irregulares no comparativo e superlativo de superioridade.

good (bom / boa)	better than - the best
well (bem)	
bad (ruim / mau)	- the worst
badly (mal)	
little (pouco)	less than - the least

Alguns adjetivos e advérbios têm **mais de uma forma** no comparativo e superlativo de superioridade.

Esta interação entre o texto e o leitor e entre os modos de processar – “bottom-up” e “top down” – dá-nos a entender que é tão importante o texto como o conhecimento prévio que possui o leitor. O texto é definido como dependente da intenção do autor e que se pode manifestar quer através da forma (estrutura e géneros textuais escolhidos), quer nos conteúdos (conceitos, conhecimentos e vocabulário selecionados pelo autor). Por sua vez, o leitor ao receber a informação, utilizando as suas estruturas cognitivas, linguísticas, afetivas e sociais e levando a cabo determinados processos que lhe permitem retirar significado de um texto, contribui para a compreensão leitora.

Como refere Luís (2011: 89): “o leitor desempenha um papel altamente dinâmico no processo comunicativo, uma vez que tem o poder de dialogar com o texto, sendo-lhe conferida a possibilidade de o acabar”. Existe pois, uma grande liberdade que envolve toda esta dinâmica interpretativa do leitor. Trata-se, no fundo, de colocar à prova o seu próprio universo hermenêutico:

“A hermenêutica, tal como deriva de Schleiermacher e Dilthey, tendeu a identificar a interpretação com a categoria de compreensão e a definir a compreensão como o reconhecimento da intenção de um autor do ponto de vista dos endereçados primitivos, na situação original do discurso.” (Ricoeur, 1996 citado por Luís, 2011)

Umberto Eco na sua obra *Leitura do Texto Literário* dedica um capítulo ao papel do “Leitor-Modelo” e nele aponta-se para uma teoria da “cooperação/ interpretação” dos textos, já que considera o “Leitor-Modelo” como parte integrante do mecanismo/ estratégia do texto. Para o mencionado estudioso, o texto está “entretido de elementos não-ditos”, explicando que:

“[...] não-dito significa não manifesto em superfície, a nível da expressão; mas precisamente são estes elementos não-ditos que devem ser actualizados a nível da actualização do conteúdo. E a este propósito, um texto, mais decisivamente que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos activos e conscientes por parte do leitor”. (Eco, 1993)

Quer com isto dizer que o texto contém imensos espaços em branco, deixados por quem o criou, passíveis de serem preenchidos por quem o lê. Umberto Eco entende ainda que um texto é como:

“[...] mecanismo preguiçoso (ou económico) que vive da mais-valia de sentido que o destinatário lhe introduz, e só em casos de extrema pedanteria, de extrema preocupação didascálica ou de extrema repressão, o texto se complica com redundâncias e especificações ulteriores – ao ponto de violar as regras normais de conversação”.

(Eco, 1993)

Relativamente à componente interpretativa, o mesmo autor depreende que o texto permite ao leitor gozar de uma liberdade interpretativa, um texto quer que alguém o ajude a funcionar. Este conceito estudioso, vai ainda mais longe, ao referir que o autor ao escrever um texto prevê o “Leitor-Modelo”. Não quer com isto dizer que “espera” que ele exista mas sim que consiga “conduzir o texto de forma a construí-lo”. Assim sendo, Eco afirma que o texto é “uma máquina preguiçosa que descarrega grande parte do seu trabalho sobre o leitor”, tendo este que atualizar “uma cadeia de artifícios expressivos” do texto de maneira a que consiga completar o seu sentido.

Fica claro, na opinião de Eco que, existe uma estreita ligação entre o autor do texto e o leitor, tendo este um papel relevante ao longo de todo o processo criativo-interpretativo, escrita-leitura.

Algumas estratégias de compreensão leitora

A compreensão da leitura depende muito das estratégias que cada leitor utiliza para entender o sentido do texto. O leitor, tendo em conta o seu interesse, motivação e objetivos de leitura, desencadeia procedimentos que lhe permitem aceder ao sentido do texto, outras vezes, esses procedimentos são desencadeados de forma

automática e mecânica, ao iniciar o processo de leitura. Desta forma, apresentam-se várias estratégias de leitura. As estratégias de leitura são tarefas cognitivas que o leitor realiza, como por exemplo a clarificação das palavras polissémicas, a análise das anáforas, a descoberta de passagens implícitas e a análise dos referentes (cf. Cassany 2005). De entre o conjunto de estratégias cognitivas, apontamos aquela que é mais usada por todos os leitores: o dicionário. Numa leitura estratégica aconselha-se o uso de dicionários monolíngues porque além de não afastar o leitor do contato com a língua alvo, ainda lhe proporciona o estabelecimento de ligações com outras palavras. Muitos leitores recorrem à estratégia da inferência após a leitura, esta por sua vez, centra-se nos conhecimentos que os alunos possuem. Acquaroni (2004:954-955) adota a proposta de Wenden e Rubin, distinguindo três tipos de inferências, a saber:

- “Inferência “interlingual”, quando há semelhança entre a língua materna e a segunda língua, aqui o leitor usa os seus conhecimentos e transpõe-nos para a segunda língua, podendo assim ser susceptível de interpretações erróneas e de resultados equívocos;”
- “Inferência “extralingual”, é ativada durante a pré-leitura, a leitura ou a pós-leitura, através de esquemas de conteúdo baseados nos conhecimentos, experiências que o leitor tem sobre segunda língua e contribuem para construir, de forma integrada, no sentido do texto;”
- “Inferência “intralingual” baseia-se no próprio conhecimento que o aluno tem da língua alvo.”

Há outras estratégias que se baseiam no conhecimento que o leitor possui sobre o processo de leitura, ou seja, utiliza-as quando falha qualquer pormenor na compreensão, num exercício de monitorização da sua compreensão. São chamadas as estratégias metacognitivas e consistem na releitura e formulação de hipóteses de significação a partir de elementos do contexto. A compreensão de qualquer texto passa por muitas fases dependendo do leitor. Em contexto de sala de aula, cabe ao professor incitar os alunos/leitores a seguirem estratégias de leitura escolares, de modo a que a prática regular da leitura se torne num hábito. O contexto educativo no que se refere à aprendizagem específica das línguas contempla duas variáveis: as variáveis pedagógicas associadas ao professor e a variável aluno. Algumas podem ser manipuladas desde cedo, assim que o professor tenha consciência das motivações necessárias para a aprendizagem da língua e podem variar de aluno para aluno. Assim, o professor deve fazer uma análise inicial das motivações dos alunos e garantir que a motivação se mantenha elevada durante o processo de ensino-aprendizagem. Para se atingir esse objetivo é fundamental manter um ambiente agradável e de apoio na sala de aula; animar a leitura, dando-lhe um carácter simples, eliminando passagens complicadas; produzir materiais pedagógicos influentes e motivadores; averiguar informações relevantes, de modo a assegurar-se que o leitor compreendeu o texto; entender as ideias principais do texto, o professor deve fazer com que os alunos leiam o texto e entendam as ideias principais, para que o interpretem sem dificuldades; estabelecer metas específicas para o aluno e fazer com que haja cooperação entre eles; ensinar técnicas de reconstrução de textos, quando o professor se apercebe de que os alunos entenderam as ideias globais, passa a trabalhar o texto mais a fundo nomeadamente ao nível do léxico e da sintaxe; fase da avaliação do texto, este tipo de estratégia requer o uso de habilidades cognitivas superiores porque pressupõe a compreensão do léxico e o entendimento da estrutura sintática.

A Leitura e o papel do professor

Atualmente, a escola e os professores enfrentam novos desafios e a necessidade de se reajustarem e se adaptarem a uma realidade em constante mutação e desenvolvimento, que de resto,

Nos procariontes, onde não há compartimentos separados, tanto a transcrição quanto a tradução ocorrem simultaneamente.

Os lipídios, que são sintetizados no retículo endoplasmático (RE) ou no complexo golgiensei, são transportados para outras organelas sob a forma de vesículas que se fundem com a organela aceitadora. Algumas células também podem usar proteínas transportadoras para transportar lipídios de um local para outro. A síntese lipídica também é dinâmica, e pode ser regulada até a proliferação celular ou durante processos que envolvem a extensão da membrana plasmática, quando novas membranas são necessárias.

Localização de Proteínas

Para que os processos celulares sejam realizados dentro de compartimentos definidos ou regiões celulares, devem existir mecanismos para garantir que os componentes proteicos necessários estejam presentes nos locais e a uma concentração adequada. A acumulação de uma proteína em um determinado local é conhecida como localização de proteínas.

O recrutamento de proteínas é essencialmente uma forma de reconhecimento de proteínas, possibilitado pela presença de sequências específicas de aminoácidos dentro da estrutura proteica. Por exemplo, muitas proteínas ligadas à membrana possuem péptidos de sinal que são reconhecidos pelos receptores de sinal que os orientam para o site alvo. O sinal de localização nuclear é um desses exemplos. As proteínas que são destinadas ao retículo endoplasmático também possuem um péptido sinal.

Em outros casos, as proteínas podem transportar um remendo de sinal. Isso geralmente consiste em cerca de 30 aminoácidos que não estão presentes em uma sequência linear, mas estão em proximidade espacial próxima no espaço tridimensional.

Curiosamente, a organização de uma célula e suas várias regiões desempenham um papel na direção do recrutamento de proteínas para um determinado site. Por exemplo, nas células epiteliais, que são polarizadas, a composição proteica na membrana apical é muito diferente daquela na membrana basolateral. Isto é conseguido através do reconhecimento de sequências de sinais distintas que visam proteínas para cada uma dessas regiões. Por exemplo, as proteínas da membrana apical são muitas vezes ancoradas ao GPI, enquanto que as proteínas basolaterais possuem sequências de assinaturas baseadas em aminoácidos diLeu (N, N-Dimetil Leucina) ou tirosina com base em aminoácidos.

Entrega Direta de Componentes

A localização das proteínas pode resultar do reconhecimento de proteínas ou complexos solúveis de difusão passiva; No entanto, isso pode não garantir uma concentração suficiente de componentes para manter um determinado processo.

Isso pode impedir a sua conclusão, particularmente quando realizada em regiões com um volume citoplasmático limitado, como a ponta de um filopodia, ou quando os componentes são rapidamente transferidos.

Uma maneira mais eficiente de manter a concentração de componentes proteicos é por meio de sua entrega dirigida através da rede do citoesqueleto.

O citoesqueleto, composto por filamentos de actina e microtúbulos, abrange toda a célula e conecta a membrana plasmática ao núcleo e outras organelas. Esses filamentos realizam muitos propósitos, desde o suporte estrutural até a célula, para gerar as forças necessárias para a translocação celular. Eles também podem servir como “trilhas” nas quais as proteínas motoras podem transladar

enquanto transportam carga de um local para outro; análogo a um trem de carga que transporta carga ao longo de uma rede de trilhos ferroviários.

A entrega de componentes é principalmente facilitada por motores moleculares com ATP / GTP, como miosina V ou miosina X, Cinesina ou Dineína. Essas proteínas ou homólogos deles foram observados em uma grande quantidade de tipos celulares, incluindo leveduras, célula vegetal e célula animal. Os motores moleculares dineína e cinesina caminham sobre os microtúbulos enquanto a miosina caminha nos filamentos de actina. Imperativamente, esses motores caminham de maneira unidirecional, embora não necessariamente na mesma direção uns dos outros.

O transporte baseado em microtúbulos foi estudado principalmente em células neuronais. Os exons podem ter vários microns de comprimento (às vezes até mesmo medidores de comprimento), por isso é necessário transportar proteínas, lipídios, vesículas sinápticas, mitocôndrias e outros componentes ao longo do axônio. Todos os microtúbulos nos axônios são unidirecionais, com extremidades “menos” que apontam para o corpo da célula e ‘mais’ que apontam para a sinapse. Os motores Kinesin se movem ao longo dessas trilhas para transportar a carga do corpo da célula para o axônio. A interrupção do transporte de carga mediada por cinesina está correlacionada com várias doenças neuro-musculares, como a atrofia muscular espinhal e a atrofia muscular espinhal e bulbar. Dynein, por outro lado, desempenha um papel importante no tráfico de carga em dendritos.

Caminhos de comunicação

Com diferentes processos sendo realizados em compartimentos subcelulares separados, organizados em diferentes regiões da célula, a comunicação intracelular é primordial. Essa comunicação, que é descrita em maior detalhe sob “sinalização celular”, permite às células manter a concentração de proteínas específicas e dentro das regiões corretas, dependendo dos requisitos de um determinado processo ou estado celular. Isso, em última instância, garante que os compartimentos individuais funcionem de forma eficiente e permite que um processo subcelular conduza outro. Isso, em última instância, permite que uma célula facilite suas funções primárias de forma eficiente e coerente.

As vias de sinalização podem conter um sinal que se origina de fora de uma célula ou de vários compartimentos e geralmente envolve a translocação de íons, solutos, proteínas e mensageiros secundários.

Todas as células possuem receptores de superfície e outras proteínas para facilitar a detecção de sinais do ambiente extracelular.

Esses sinais podem ser na forma de íons, moléculas pequenas, péptidos, tensão de cisalhamento, forças mecânicas, calor, etc. Uma vez que o sinal é detectado pelo receptor de superfície, ele é transmitido ao citoplasma geralmente por meio de mudança conformacional no receptor ou mudança no seu estado de fosforilação no lado citosólico. Isso, por sua vez, desencadeia uma cascata de sinalização a jusante, que muitas vezes culmina no núcleo. O sinal geralmente resulta em mudança no perfil de expressão gênica das células, auxiliando-as a responder ao estímulo.

Reprodução Celular

A maioria das células humanas são frequentemente reproduzidas e substituídas durante a vida de um indivíduo.

No entanto, o processo varia com o tipo de célula **Somática** ou células do corpo, tais como aqueles que constituem a pele, cabelo, e músculo, são duplicados por **mitose**.

O **células sexuais**, os espermatozoides e óvulos, são produzidos por **meiose** em tecidos especiais dos testículos e ovários das fêmeas. Uma vez que a grande maioria das nossas células são somáticas, a mitose é a forma mais comum de replicação celular.

Distâncias astronômicas:

- Ano-luz: distância percorrida pela luz no vácuo em 1 ano, igual a 9,46 trilhões de quilômetros ou 946×10^{10} km;
- parsec: 3,258 anos-luz ou 30,82 trilhões de quilômetros ou 3.082×10^{10} km;
- unidade astronômica (uA): distância média entre a Terra e o Sol igual a 150 milhões de quilômetros ou 150×10^6 km.

ÁREA

Metro quadrado (m^2): área de um quadrado com lado igual a um metro.

Unidades de área tradicionais:

- quilômetro quadrado (km^2): 1.000.000 m^2 ;
- hectare (ha): 10.000 m^2 ;
- alqueire mineiro: 48.400 m^2 ;
- alqueire paulista: 24.200 m^2 .

Unidades de área inglesas:

- polegada quadrada: 6,4516 cm^2 ou 0,00064516 m^2 ;
- pé quadrado: 929,03 cm^2 ou 0,092903 m^2 .

VOLUME

Metro cúbico (m^3): cubo com arestas iguais a um metro.

Unidade de volume tradicional:

- Litro (l): 0,001 m^3 .

Unidades de volume inglesas:

- Galão inglês: 4,546 l ou 0,004546 m^3 ;
- Galão norte-americano: 3,785 l ou 0,003785 m^3 .

ÂNGULO PLANO

Radiano (rad ou rd): ângulo plano entre dois raios de um círculo que forma um arco de circunferência com o comprimento igual ao do raio.

Unidades de ângulo plano tradicionais –

- grau ($^\circ$): /180 rad;
- minuto ($'$): /10.800;
- segundo ($''$): /648.000 rad;
- número : 3,1416.

ÂNGULO SÓLIDO

Esterradiano (sr): ângulo sólido que, tendo o vértice no centro de uma esfera, leva a um corte em sua superfície com área igual a de um quadrado com lados iguais ao raio da esfera.

MASSA

Quilograma (kg): massa do protótipo internacional do quilograma, um padrão construído com uma liga de platina e irídio.

Unidades de massa tradicionais:

- quilate: 0,2 g ou 0,002 kg;
- tonelada métrica (t): 1.000 kg.

Unidades de massa inglesas:

- libra ou pound (lb): 453,59 g ou 0,453 kg;
- tonelada inglesa: 1.016 kg; tonelada norte-americana: 907 kg;
- onça (oz): 28,35 g ou 0,028 kg;
- onça troy: 31,10 g ou 0,031 kg.

TEMPO

Segundo (s): tempo correspondente a 9.192. 631.770 ciclos de radiações emitidas entre dois níveis de energia do átomo de célio 133.

Unidades de tempo tradicionais:

- minuto (min): 60s;
- hora (h): 60min ou 3.600s;
- dia (d): 24h ou 1.440min ou 86.400s;
- ano sideral: 365d 6h 9min 9,5s;
- ano trópico: 365d 5h 48min 45,8s.

VELOCIDADE

Metro por segundo (m/s): distância percorrida em um segundo.

Unidades de velocidade tradicionais:

- quilômetro por hora (km/h): 1/3,6 m/s ou 0,27777 m/s.

Unidades de velocidade inglesas:

- milha por hora (mi/h): 1,609 km/h ou 0,4469 m/s;
- nó (milha náutica por hora): 1,852 km/h ou 0,5144 m/s.

Velocidade da luz: 299. 792. 458 m/s.

VELOCIDADE ANGULAR

Radiano por segundo (rad/s): velocidade de rotação de um corpo.

Unidade de velocidade angular tradicional:

- Rotação por minuto (rpm): p/30 rad/s

ACELERAÇÃO

• Metro por segundo ao quadrado (m/s^2): constante de variação de velocidade.

• Radiano por segundo ao quadrado (rad/s^2): constante de variação de velocidade angular.

FREQUÊNCIA

- Hertz (Hz): número de ciclos completos por segundo ($Hz s^{-1}$)

FORÇA

Newton (N): força que imprime uma aceleração de $1 m/s^2$ a uma massa de 1 kg (kgm/s^2), na direção da força.

Unidade de força tradicional:

- Quilograma-força (kgf): 9,8N.

ENERGIA

Joule (J): energia necessária para uma força de 1N produzir um deslocamento de 1m (J N/m).

Unidades de energia tradicionais:

- Watt-hora (Wh): 3.600 J;
- quilowatt-hora (kWh): 3.600.000 J ou 3.600 kJ,
- eletrovolt (eV): $1,6021 \times 10^{-19}$ J;
- caloria (cal): 4,1 J;
- quilocaloria (kcal): 4.184 J.

POTÊNCIA

Watt (W): potência necessária para exercer uma energia de 1 J durante um segundo (W J/s). O fluxo de energia (elétrica, sonora, térmica ou luminosa) também é medido em watt.

Unidade de potência tradicional:

- Horse-power (HP) ou cavalo-vapor (cv): 735,5 W.

INTENSIDADE ENERGÉTICA

Watt por esterradiano (W/sr): intensidade do fluxo de energia no interior de um ângulo sólido igual a 1sr.

PRESSÃO

Pascal (Pa): força constante de 1N sobre uma superfície plana de $1m^2$ ($Pa N/m^2$).

A relação entre ambos – admirador e ídolo – pode dar-se das mais variadas formas: se, por exemplo, o admirador é uma pessoa desequilibrada, sua vivência mítica também o será; se for sadio, idem; o mesmo acontece no caso da alienação, do fanatismo, da ignorância, etc. Eis alguns exemplos: o assassino de John Lennon (desequilíbrio mental); a doentia imitação de seu ídolo da parte de um fanático admirador de um cantor de rock (alienação) ou a tranquila fruição do talento de um grande compositor (equilíbrio). Por ser uma experiência vinculada ao subconsciente, a racionalização da vivência mítica normalmente leva a sua rejeição. A razão recusa-se a aceitar a presença da atividade fabuladora. O culto a um ídolo parece contrário à razão.

Também na mitologia primitiva existem ídolos, objeto de culto e veneração, no entanto, ali, seu culto insere-se no contexto de uma longa tradição, tendendo para a continuidade, ou seja, para seus adoradores, estes parecem eternos. Na sociedade atual, a tendência é inversa. Os ídolos são criados da noite para o dia. Parecem ser de barro: facilmente são substituídos por outros. Acrescente-se a isto o alto faturamento financeiro no caso da mitificação de uma banda de música ou de um jogador de futebol, só para citar alguns exemplos.

De um modo geral, os mitos da atualidade vêm preencher os vazios deixados pelo abandono de certos valores, como os éticos ou os da comunicação autêntica.

Fonte: <http://mitoefilosofia.blogspot.com/2009/11/o-mito-na-sociedade-contemporanea.html>

O QUE É FILOSOFIA?

Filosofia é um campo do conhecimento que estuda a existência humana e o saber por meio da análise racional. Do grego, o termo filosofia significa “amor ao conhecimento”

Os principais temas abordados pela filosofia são: a existência e a mente humana, o saber, a verdade, os valores morais, a linguagem, etc.

O filósofo é considerado um sábio, sendo aquele que reflete sobre essas questões e busca o conhecimento através da filosofia

Dependendo do conhecimento desenvolvido, a filosofia possui uma gama de correntes e pensamentos. Como exemplos temos: filosofia cristã, política, ontológica, cosmológica, ética, empírica, metafísica, epistemológica, etc.

Para que serve a Filosofia?

Por meio de argumentos que utilizam a razão e a lógica, a filosofia busca compreender o pensamento humano e os conhecimentos desenvolvidos pelas sociedades

A filosofia foi essencial para o surgimento de uma atitude crítica sobre o mundo e os homens.

Origem da Filosofia

A filosofia tem início na Antiguidade, quando surgem as cidades-estados na Grécia Antiga. Antes disso, o pensamento, a existência humana e os problemas do mundo eram explicados de maneira mítica.

Ou seja, as explicações estavam baseadas na religião, na mitologia, na história dos deuses e, até mesmo, nos fenômenos da natureza.

Assim, com o surgimento da polis grega, os filósofos, que na época eram considerados enviados dos deuses, começaram a investigar e sistematizar o pensamento humano.

Com isso, surgem diversos questionamentos, que até esse momento não possuíam tal explicação racional. O pensamento mítico foi dando lugar ao pensamento racional e crítico, e daí surgiu a filosofia.

Períodos, Correntes Filosóficas e Principais Filósofos

Filosofia Antiga

A Filosofia Antiga surge no século VII a.C. na Grécia Antiga. A filosofia grega está dividida em três períodos:

- Período Pré-socrático (séculos VII a V a.C.);
- Período Socrático (século V a IV a.C.);
- Período Helenístico (século IV a.C. a VI d.C.).

As principais escolas filosóficas desse período foram a Escola Jônica e a Escola Eleata ou Escola Italiana.

Na Escola Jônica destacam-se os filósofos:

- Tales de Mileto (624-546 a.C.) - primeiro filósofo, dedicou-se também à matemática, criando seu famoso teorema.
- Heráclito (540 a.C.-470 a.C.) - “filósofo do fogo”, dizia que o mundo estava em constante movimento de transformação.
- Pitágoras (570-495 a.C.) - filósofo e matemático, é reconhecido como o autor do termo “filosofia” (amor ao conhecimento).
- Anaximandro (610-546 a.C.) - importante filósofo de Mileto, algumas de suas observações sobre a natureza foram confirmadas pela física moderna mais de mil e quinhentos anos depois.

• Anaxímenes (588-524 a.C.) - foi a primeira pessoa a afirmar que a Lua refletia a luz do Sol, fundamentou sua filosofia no elemento do ar como sendo o princípio de todas as coisas.

Já na Escola Italiana (Escola Eleata), temos os filósofos:

- Parmênides (530-460 a.C.) - importante filósofo grego, é responsável pela distinção entre aparência e realidade, afirmou o caráter ilusório dos sentidos.
- Zenão (490-430 a.C.) - seguindo o pensamento de Parmênides, criou a ideia de um paradoxo representado pela corrida entre Aquiles e a tartaruga, na qual Aquiles jamais consegue alcançá-la.
- Empédocles (490-430 a.C.) - foi o criador da teoria dos quatro elementos (fogo, água, terra e ar) que durou durante séculos.
- Górgias (485-380 a.C.) - o mais célebre dos sofistas, desenvolveu a retórica (habilidade de argumentação) e afirmou que a verdade é apenas uma questão de convencimento.

Filosofia Medieval

A Filosofia Medieval desenvolveu-se na Europa entre os séculos I e XVI. Durante o período, foram construídas as bases teóricas do pensamento cristão. A união entre fé e razão é a marca desta filosofia.

Esteve dividida em quatro períodos:

- Filosofia dos Padres Apostólicos (séculos I e II);
- Filosofia dos Padres Apologistas (séculos III e IV);
- Filosofia Patrística (século IV até o VIII);
- Filosofia Escolástica (século IX até XVI).

Na Filosofia dos Padres Apostólicos destaca-se o filósofo Paulo de Tarso. Na Filosofia dos Padres Apologistas destacam-se os filósofos: Justino Mártir, Orígenes de Alexandria e Tertuliano.

Na Filosofia Patrística, o maior representante desse período foi Santo Agostinho de Hipona (354-430).

Por fim, na Filosofia Escolástica temos São Tomás de Aquino (1225-1274) como o filósofo mais importante.

A Lua e as Marés

Esse fenômeno ocorre em razão do movimento periódico de subida e descida do nível da água, produzindo dessa maneira as chamadas marés altas e marés baixas. Foi Isaac Newton que, a partir da expressão da força gravitacional, deu a explicação para esse fenômeno natural. Segundo as explicações do físico e matemático Newton, as marés são causadas pela atração do Sol e da Lua sobre as águas do mar.

As forças que atuam sobre as marés ocorrem porque a Terra é um corpo extenso e o campo gravitacional que é produzido pelo Sol ou pela Lua não é homogêneo em todos os pontos, pois tem alguns pontos da Terra que estão mais próximos e outros mais distantes destes corpos celestes. Esses campos gravitacionais provocam acelerações que atuam na superfície terrestre com diferentes intensidades. Dessa forma, as massas de água que estão mais próximas da Lua ou do Sol sofrem aceleração com intensidades maiores que as massas de água que estão mais afastadas desses astros. É essa diferença de pontos mais próximos e mais afastados do Sol e da Lua que dão origem às marés.

Terminologia

Preia-mar (ou preamar) ou maré alta - nível máximo de uma maré cheia.

Baixa-mar ou maré baixa - nível mínimo de uma maré vazante.

Estofo - também conhecido como reponto de maré, ocorre entre marés, curto período em que não ocorre qualquer alteração na altura de nível.

Maré enchente - período entre uma baixa-mar e uma preia-mar sucessivas, quando a altura da maré aumenta.

Vazante - período entre uma preia-mar e uma baixa-mar sucessivas, quando a altura da maré diminui.

Altura da maré - altura do nível da água, num dado momento, em relação ao plano do zero hidrográfico.

Elevação da maré - altitude da superfície livre da água, num dado momento, acima do nível médio do mar.

Amplitude de marés - variação do nível das águas, entre uma preia-mar e uma baixa-mar imediatamente anterior ou posterior.

Maré de quadratura - maré de pequena amplitude, que se segue ao dia de quarto crescente ou minguante.

Maré de sizígia - as maiores amplitudes de maré verificadas, durante as luas nova e cheia, quando a influência da Lua e do Sol se reforçam uma a outra, produzindo as maiores marés altas e as menores marés baixas.

Zero hidrográfico - nível de referência a partir do qual se define a altura da maré; é variável em cada local, muitas vezes definida pelo nível da mais baixa das baixa-mares registadas (média das baixa-mares de sizígia) durante um dado período de observação maregráfica.

Meteoro e Meteorito

Meteoroides são fragmentos de materiais que vagueiam pelo espaço e que, segundo a International Meteor Organization (Organização Internacional de Meteoros), possuem dimensões significativamente menores que um asteroide e significativamente maiores que um átomo ou molécula, distinguindo-nos dos asteroides - objetos maiores, ou da poeira interestelar - objetos micrométricos ou menores.

Os meteoróides derivam de corpos celestes como cometas e asteroides e podem ter origem em ejeções a de cometas que se encontram em aproximação ao sol, na colisão entre dois asteroides, ou mesmo ser um fragmento de sobra da criação do sistema solar. Ao entrar em contato com a atmosfera de um planeta, um meteoróide dá origem a um meteoro.

Meteoróides que atingem a superfície da Terra são denominados meteoritos.

Meteoro, chamado popularmente de estrela cadente, designa-se o fenômeno luminoso observado quando da passagem de um meteoróide pela atmosfera terrestre. Este fenômeno que pode apresentar várias cores, que são dependentes da velocidade e da composição do meteoróide, um rastro, que pode ser designado por persistente, se tiver duração apreciável no tempo, e pode apresentar também registro de sons. A aparição dos meteoros pode-se dar sob duas formas: uma delas são as designadas "chuvas de meteoros" ou "chuva de estrelas cadentes" ou simplesmente "chuva de estrelas", em que os meteoros parecem provir do mesmo ponto do céu noturno, denominado de radiante. Outra forma é a de "meteoros esporádicos"

As chamadas chuvas de meteoros, também conhecidas por chuvas de estrelas, tem origem precisamente em matéria expelida dos cometas, pois quando a Terra cruza com a região do espaço onde está essa matéria, torna-se possível observar um considerável número de meteoros que parecem vir de um ponto específico do céu, chamado de radiante.

Planetas

O conceito de planeta provém do latim planēta, que, por sua vez, deriva de um termo grego que significa "errante". Trata-se de um corpo sólido celeste que gira em torno de uma estrela e que se torna visível devido à luz que reflete.

As especificações dadas pela União Astronômica Internacional assinalam que os planetas têm massa suficiente para que a sua gravidade possa superar as forças do corpo rígido, pelo que assumem uma forma em equilíbrio hidrostático.

O Sistema Solar é constituído por oito planetas: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno.



Mercúrio

Mercúrio é o menor e o mais interno planeta do Sistema Solar, orbitando o Sol a cada 88 dias terrestres. A superfície de Mercúrio é semelhante à lunar, isso porque esse planeta sofreu intensos impactos de meteoritos. Sua atmosfera é composta por hélio, sódio e oxigênio. Mercúrio não possui satélites conhecidos, o que ocorre também com Vênus, e por essa razão são chamados de "planetas sem-lua".

Formação e Características do Planeta Terra

Estima-se que nosso planeta tenha sido formado há, mais ou menos, 4,6 bilhões de anos. De lá pra cá, a Terra passou por constantes mudanças, algumas nítidas, outras bem longas e que os seres humanos não percebem. Tais mudanças podem ocorrer de fatores internos, como a energia do núcleo, ou fatores externos, como chuvas, processos erosivos, ação humana.

formação do Sistema Solar foi resultado de um colapso entre grandes estrelas, o que gerou uma grande junção de energia. Essa energia, posteriormente, formou os componentes do sistema, como o Sol e demais planetas.

A Terra, há 4,6 bilhões de anos, era uma massa de matéria magmática que, ao longo de milhões de anos, resfriou-se. Esse resfriamento deu origem a uma camada rochosa, a camada litosférica. Esse período é chamado de Era Pré-cambriana.

Ao longo desses bilhões de anos, várias mutações aconteceram no planeta, muitas violentas, como os terremotos e maremotos, também conhecidos por abalos sísmicos. Esses abalos ocorrem de dentro para fora, nas camadas internas da Terra, alterando de forma significativa a superfície terrestre.

Outras mudanças menos violentas foram graduais, como a formação da camada de gases que envolvem o planeta, a atmosfera. Essa camada protege-nos da forte radiação solar que atinge a Terra, permitindo que haja vida. No entanto, no início dos tempos, há bilhões de anos, a Terra era um lugar inabitável, com erupções vulcânicas constantes, com altas temperaturas e bastante perigoso.

Os movimentos do planeta, como a rotação (em torno de si) e a translação (ao redor do Sol), possibilitaram uma forma esférica da Terra, que é achatada nos polos. Essa forma recebe o nome de geoide. Seu interior é algo inóspito, e, até pouco tempo atrás, desconhecido.



Modelo do formato geoide da Terra.

Com o desenvolvimento da tecnologia, a medição dos abalos sísmicos tornou possível conhecer o interior do planeta. As ondas sísmicas provocadas por esses abalos atravessam grandes regiões, podendo ser rastreadas e fornecer informações valiosas sobre a estrutura interna da Terra. Seu interior ainda possui a camada magmática de bilhões de anos atrás. A cada 33 m de profundidade, estima-se que a temperatura suba 1 °C.

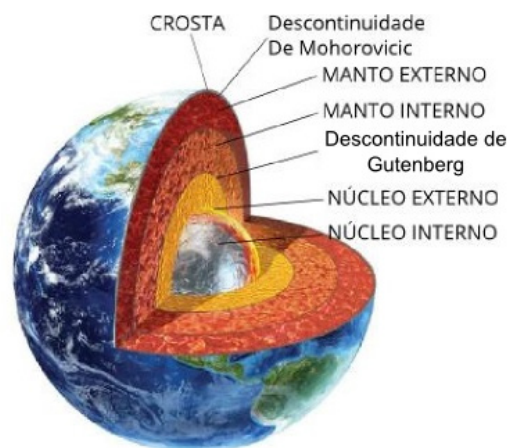
Na superfície terrestre, camada em que vivemos, podemos encontrar diversos minerais utilizados no cotidiano. A crosta, como é conhecida a superfície, recobre todo o planeta, seja nos continentes (crosta continental), seja nos oceanos (crosta oceânica).

No fundo dos mares e oceanos existe o assoalho oceânico, local em que compostos de silício e magnésio (sima) podem ser encontrados com frequência. Nos continentes, silício e alumínio (sial) dão consistência a quase toda essa superfície.

Camadas Internas do Planeta Terra

Por dentro, nosso planeta tem uma estrutura feita em camadas, cada uma com várias características específicas. Pelos estudos realizados até hoje, podemos classificá-las, de forma geral, em três principais: crosta (oceânica e continental), manto (superior e inferior) e núcleo (interno e externo).

Podemos comparar essa estrutura com a de um abacate: a casca da fruta sendo a crosta, a poupa sendo o manto, e o caroço sendo o núcleo.



<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/camadas-terra.htm>

Crosta

A **crosta**, a casca externa do planeta, é a camada superficial, podendo ser chamada de litosfera. É nessa camada que estamos, que se localizam relevos, oceanos, mares, rios, biosfera e outros.

Para os seres humanos, é a camada em que há o desenvolvimento da vida. Para ter-se uma ideia, a espessura da crosta pode variar de 5 km a 70 km. Mesmo com esse tamanho, ela é só a "casca" do planeta, o que revela a imensidão dele.

A crosta oceânica, como o nome diz, é a parte que está abaixo do mar, tendo de 5 km a 15 km de espessura. É menos espessa do que a crosta continental. Ela pode ter uma espessura de 30 km a 70 km, sendo a parte do planeta que forma os continentes.

Manto

Já o manto está situado a uma profundidade que pode variar de 70 km a 2900 km. Nessa grande área, está localizado o magma, uma camada viscosa que envolve o núcleo e é responsável pela movimentação das placas tectônicas, situadas na litosfera.

O manto superior está abaixo da litosfera, numa profundidade de até, aproximadamente, 670 km. Nele encontramos a astenosfera, uma área de característica viscosa que permite a movimentação da crosta ao longo de milhares de anos, modificando o relevo terrestre.

Reino de Axum

Os primeiros habitantes do reino de Axum, no território da atual Etiópia, eram originários do sul da península Arábica. No século VII a.C., já dominavam a agricultura e a criação de bois, ovelhas, cabras e cavalos. Provavelmente conheciam o arado e tinham uma escrita de caracteres semíticos.

Com o passar dos séculos, seus primeiros acampamentos e aldeias cresceram e se transformaram em centros comerciais. A cidade de **Adúlis**, no litoral do mar Vermelho, por exemplo, tornou-se um movimentado porto. Mas foi na cidade de Axum, no planalto etíope, onde se desenvolveu um intenso comércio de marfim, plumagens variadas, obsidiana, ouro e sal no início da Era Cristã.

A atividade comercial levou a cidade a enriquecer e a se expandir, conquistando territórios vizinhos. Inicialmente, ao se constituir como reino, ocupava cerca de 48 mil quilômetros quadrados. Com o processo de expansão, Axum dominou territórios na península Arábica: logo passou a controlar o tráfico de mercadorias do interior para o litoral do mar Vermelho e o comércio entre o vale do rio Nilo e a cidade de Adúlis.

Sua prosperidade cresceu a tal ponto que, na segunda metade do século III, os axumitas começaram a cunhar moedas de ouro, prata e cobre.

A característica religiosa dominante do reino de Axum era o **politeísmo** até o século IV, quando o rei Ezana foi o primeiro a se converter ao cristianismo. A partir de então, a população de Axum tornou-se predominantemente cristã. Alguns séculos depois, os muçulmanos (em processo de expansão), a pretexto de combater a pirataria no mar Vermelho, dominaram e destruíram o porto de Adúlis. Gradativamente, o reino de Axum se enfraqueceu até desaparecer, devido a novas invasões muçulmanas.

Reino de Sahel

O **Sahel** é a faixa de terra na África entre o deserto do Saara, ao norte, e a floresta tropical úmida, ao sul. Os primeiros assentamentos ali ocorreram entre 600 a.C. e 200 a.C., junto a oásis e rios. Surgiram depois aldeias, cidades, e o comércio se expandiu.

Essas comunidades se tornaram mais complexas com o tempo e se transformaram em Estados governados por um rei. O desenvolvimento comercial permitiu que alguns desses Estados se tornassem mais ricos e poderosos e passassem a dominar seus vizinhos mais fracos, dando origem a reinos como **Gana** e **Mali**.

O ouro de Gana

Localizado onde hoje se situa a Mauritânia, o reino de Gana surgiu por volta do século IV e ficou conhecido em razão de sua produção de ouro. Nessa região, a extração aurífera era tão grande que, ao longo da Idade Média, Gana se tornou o principal fornecedor do metal ao mundo mediterrâneo. Esse posto só foi perdido no século XVIII, quando começou a chegar à Europa o ouro do Brasil.

Ao contrário de outros impérios, o Reino de Gana não tinha fronteiras delimitadas. A força de um reino não era estabelecida pela extensão de seu território, mas pela quantidade de pessoas, grupos humanos, aldeias e cidades que estivessem sob seu controle, que pagassem tributos ao soberano e fornecessem soldados e funcionários à corte.

O reino dispunha de duas capitais. Em Koumbi Saleh, no sudeste da Mauritânia, ficavam os mercadores muçulmanos do norte da África; na outra - ainda não encontrada pelos arqueólogos -, viviam o rei e sua corte.

Segundo relatos de viajantes do século XI, o ouro aparecia com abundância nas pulseiras e colares do gana (o soberano), nas espadas e escudos dos soldados e até nas coleiras dos cães de guarda do palácio real. No início do século XII, fatores como a desertificação do Sahel, consequência da prática intensiva do pastoreio, e o surgimento de novas zonas auríferas fora do domínio de Gana contribuíram para o enfraquecimento do reino, que acabou conquistado por outros povos africanos.

Mali (Reino Muçulmano)

Na época em que Gana perdia sua influência sobre os povos da África ocidental, começava a ganhar importância o reino de Mali. Até o século XII, o povo mandinga que habitava a região permaneceu vassalo do Reino de Gana. Por volta de 1230, um guerreiro conhecido como Sundiata Keita reuniu sob seu comando diversos clãs vizinhos e se estabeleceu como soberano do Mali, adotando o título de **mansa** (rei).

Ao expandir seu território, o Mali passou a dominar áreas que iam desde o Atlântico (onde hoje ficam Senegal e Gâmbia) até o rio Níger. Controlava, assim, grandes jazidas de ouro e importantes rotas transaarianas de comércio. Seguidores do islamismo, os soberanos do Mali faziam peregrinações a Meca, cidade sagrada dos muçulmanos.

Por causa dessas viagens, houve várias trocas culturais entre o povo de Mali e os do Oriente Próximo. Aproximadamente em 1320, no governo do mansa Kankan Musa, a cidade de Tombuctu era considerada um centro de estudos islâmicos e muitos estrangeiros se mudaram para lá. Após a morte do mansa Musa, em 1337, o reino sofreu invasões e entrou em declínio. Quando os portugueses ali chegaram, no final do século XV, o Mali em nada lembrava a importância que tivera no passado.

Civilização Iorubá

O termo iorubá refere-se a vários povos subsaarianos unidos por laços linguísticos e culturais – efãs, ijexás, egbás, entre outros. De acordo com evidências arqueológicas, os ancestrais iorubás ocupavam, desde a Pré-História, a confluência entre a zona da floresta e a bacia do rio Níger, onde hoje fica o sudoeste da Nigéria e a divisa entre Benin e Togo.

Nessa região, os iorubás criaram uma civilização caracterizada pela articulação de diversas cidades e aldeias, que formavam reinos independentes, com seu próprio **oba** (chefe) e suas tradições religiosas. O aspecto comum a todos os iorubás era a crença de que tinham a mesma origem divina. Segundo a tradição oral, o deus supremo era Olorum (ou Olodumaré).

As cidades iorubás contavam com grandes centros de artesanato, onde trabalhavam tecelões, marceneiros, oleiros, ferreiros, etc. Conhecedores da metalurgia, os iorubás utilizavam metais para fabricar ferramentas e instrumentos de uso diário.

Por séculos, seus habitantes controlaram importantes rotas de comércio entre o litoral e o interior do continente africano. O centro da civilização iorubá era Ilê Ifé, cujas origens remontam ao século VI, onde vivia o Oni, o obá mais poderoso da região, que era chefe religioso e governante. Os obás eram considerados descendentes de Oduduá, filho de Olorum, e por isso tinham uma origem divina.

De modo geral, os obás governavam com o auxílio de um conselho composto por chefes das principais famílias e por representantes de mercadores. Escolhida por Olorum para ser o berço da humanidade, segundo a mitologia iorubá, Ilê Ifé era reconhecida por esses povos como a cidade mais sagrada e a mais elevada na hierarquia.

Émile Durkheim (1858-1917) foi o fundador da escola francesa de Sociologia, ao combinar a pesquisa empírica com a teoria sociológica. Ainda sob influência positivista, lutou para fazer das Ciências Sociais uma disciplina rigorosamente científica. Durkheim entendia que a sociedade era um organismo que funcionava como um corpo, onde cada órgão tem uma função e depende dos outros para sobreviver. Ao seu olhar, o que importa é o indivíduo se sentir parte do todo, pois caso contrário ocorrerá anomalias sociais, deteriorando o tecido social.

A diferença entre Comte e Durkheim é que o primeiro crê que se tudo estiver em ordem, isto é, organizado, a sociedade viverá bem, enquanto Durkheim entende que não se pode receitar os mesmos “remédios” que serviu a uma sociedade para resolver os “males” sociais de outras sociedades.

Para Durkheim, a Sociologia deve estudar os fatos sociais, os quais possuem três características: 1) coerção social; 2) exterioridade; 3) poder de generalização. Os fatos sociais apresentam vida própria, sendo exteriores aos indivíduos e introyetados neles a ponto de virarem hábitos.

Pela sua perspectiva, o cientista social deve estudar a sociedade a partir de um distanciamento dela, sendo neutro, não se deixando influenciar por seus próprios preconceitos, valores, sentimentos etc.

A diferença básica entre Marx, Comte e Durkheim consiste basicamente em que os dois últimos entendem a sociedade como um organismo funcionando, suas partes se completando.

Por outro lado, Marx afirma que a ordem constituída só é possível porque a classe dos trabalhadores é dominada pela classe dos capitalistas e propõe que a classe proletária (trabalhadores) deve se organizar, unir-se e inverter a ordem, ou seja, passar de dominada a dominante, e assim superar a exploração e as desigualdades sociais.

Max Weber (1864-1920) foi um intelectual alemão, jurista, economista e considerado um dos fundadores da Sociologia e é o pensador mais recente dentre os três, conhecedor tanto do pensamento de Comte e Durkheim quanto de Marx. Assim, ele entende que a sociedade não funciona de forma tão simples e nem pode ser harmoniosa como pensam Comte e Durkheim, mas também não propõe uma revolução como faz Marx, mas afirma que o papel da Sociologia é observar e analisar os fenômenos que ocorrem na sociedade, buscando extrair desses fenômenos os ensinamentos e sistematizá-los para uma melhor compreensão, é por isso que sua Sociologia recebe o nome de compreensiva.

Weber valorizava as particularidades, ou seja, a formação específica da sociedade; entende a sociedade sob uma perspectiva histórica, diferente dos positivistas.

Um dos conceitos chaves da obra e da teoria sociológica de Weber é a ação social. A ação é um comportamento humano no qual os indivíduos se relacionam de maneira subjetiva, cujo sentido é determinado pelo comportamento alheio. Esse comportamento só é ação social quando o ator atribui à sua conduta um significado ou sentido próprio, e esse sentido se relaciona com o comportamento de outras pessoas.

Weber também se preocupou com certos instrumentos metodológicos que possibilitassem ao cientista uma investigação dos fenômenos particulares sem se perder na infinidade disforme dos seus aspectos concretos, sendo que o principal instrumento é o tipo ideal, o qual cumpre duas funções principais: primeiro a de selecionar explicitamente a dimensão do objeto a ser analisado e, posteriormente, apresentar essa dimensão de uma maneira pura, sem suas sutilezas concretas.

Em suma: a Sociologia de Comte e Durkheim são positivistas; a de Marx é revolucionária e a de Max Weber é compreensiva.

E nisto talvez esteja a principal diferença entre esses quatro grandes pensadores da Sociologia.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/pensadores-classicos-sociologia.htm>

OBJETO E O MÉTODO DA SOCIOLOGIA

A sociologia estuda as sociedades humanas e os processos que interligam os indivíduos em associações, grupos e intuições. Investiga os fatos sociais evidenciando as relações entre os indivíduos e a sociedade, tendo em vista contribuir para uma formação crítica e autônoma em relação aos fatos sociais. Termo cunhado por Augusto Comte, sua preocupação é compreender as origens e a natureza da vida social.

Os campos de estudo da sociologia

A dinâmica do desenvolvimento capitalista e as novas forças sociais por ele engendradas provocaram o enfraquecimento/ desaparecimento das instituições feudais e a capitalização/ modernização da agricultura provocaram o êxodo rural. A decadência do sistema feudal e a emergência da industrialização possibilitaram a constituição de sociedades complexas. Era necessário investigar essas transformações.

A sociologia enquanto ciência surge na Europa, no final do século XVIII e inícios do séc. XIX, decorrente da emergência e desenvolvimento da sociedade capitalista, no contexto da Revolução Industrial.

A estruturação de novas referências marcadas pelo crescimento das cidades e o fenômeno urbano como modo de vida contribuíram para a consolidação de novas relações familiares e de trabalho, transformações sociopolíticas e religiosas. Um conjunto de transformações ocorridas, sobretudo a partir das Revoluções Inglesa, Francesa e Americana.

O estado de desagregação social vivido naquele momento se torna um fenômeno a ser investigado. Miséria e desemprego caminhavam lado a lado com a expansão industrial, ocasionando o fortalecimento das associações e organizações dos trabalhadores. Um campo próprio para o desenvolvimento das teorias socialistas.

Nasce o proletariado fundamentado na segregação, desigualdade e exclusão e com o crescimento acelerado e desordenado das cidades, crescem também a prostituição, a criminalidade, o alcoolismo, o suicídio e outras formas de violência. A expectativa média de vida era de 38 anos de idade; 7% chegavam aos 60 e 44% não passavam dos 20 anos.

A sociedade passa a ser um “problema” a ser investigado. A sociologia nasce dessa turbulência e a partir da observação busca compreender, interpretar e explicar o “caos”.

Inovações tecnológicas:

Desenvolveu-se a indústria do aço e novas fontes de energia: a eletricidade, o petróleo, o telégrafo, o avião, o submarino, o cinema, o automóvel. Durkheim estuda essa diversidade de situações. Para Durkheim a raiz dos males sociais era uma certa fragilidade da moral e para isso propunha novas ideias morais capazes de orientar a conduta dos indivíduos. Propunha também uma educação de cunho laico e republicano em contraposição a influência religiosa e monarquista. O objeto da pesquisa sociológica e o método de análise dos fenômenos sociais